

ENTRE O DITO E O REALIZADO: PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR EM HISTÓRIA

Maria de Lourdes da Silva Neta¹

A avaliação é um processo que se caracteriza como uma das etapas do processo de ensino-aprendizagem, portanto, percebemos a necessidade de evidenciá-la pelo seu caráter contínuo, devendo ser realizada em todos os momentos do trabalho educativo, tornando-se elemento de reflexão da prática docente, apesar da valorização da aplicação dos instrumentos avaliativos por parte de professores da educação básica e do ensino superior. Podemos, então perceber a fragmentação do processo avaliativo, por exemplo, quando são ignoradas situações de aprendizagem, o que pode proporcionar melhorias no trabalho docente e aprendizagem discente. O trabalho aborda como objeto de estudo as práticas avaliativas² utilizadas pelos docentes de um curso de licenciatura em História da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

A tarefa didática de compreender o significado das ações de planejamento, do ensino, da aprendizagem e do processo avaliativo destina-se, principalmente, aos professores e estudantes das licenciaturas nas universidades brasileiras.

A caracterização das práticas avaliativas no curso de licenciatura em História da UECE constituiu o objetivo geral deste escrito. Os objetivos específicos aportaram-se na descrição dos conceitos de prática avaliativa mencionados por docentes e discentes e na apresentação dos instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores para avaliar os estudantes.

A metodologia utilizada na pesquisa privilegiou a abordagem qualitativa de análise e contou, assim, com a utilização de entrevistas semiestruturadas, com a participação de cinco docentes que ministravam as disciplinas de ensino e grupo de discussão com discentes que

¹ Graduada em Pedagogia e Administração (UECE); especialista em Gestão Educacional, Mestre em Educação (UECE) e Professora da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: lourdesneta11@yahoo.com.br.

² Este artigo exprime um recorte proveniente de um trabalho dissertativo defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará- UECE, intitulado: *Práticas Avaliativas na Docência Universitária: Um Estudo Comparativo*, pesquisa que buscou compreender como foram constituídas as práticas avaliativas dos professores nos cursos de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE e da Universidade Federal do Ceará – UFC.

cursavam o 7º e 8º semestres. A abordagem qualitativa necessita que o pesquisador observe os sujeitos e realize esforço para compreender as diversas opiniões. Para fazer uso da abordagem qualitativa, nos louvamos dos escritos de Bogdan e Biklen,

O objectivo não é o juízo de valor; mas, antes, o de compreender o mundo dos sujeitos e determinar como e com que critérios eles o julgam. Esta abordagem é útil em programas de formação de professores por que oferece aos futuros professores a oportunidade de explorarem o ambiente completo das escolas e simultaneamente tornarem-se mais autoconscientes a cerca de seus próprios valores e da forma como estes influenciam as suas atitudes face aos estudantes, directores e outras pessoas (1994:287).

A investigação qualitativa objetiva a compreensão, e não a explicação, e deve ser de natureza teórica e prática, concomitantemente.

Para a seleção da área do curso e dos sujeitos participantes desta pesquisa, primeiramente, estudamos o Projeto Pedagógico do curso de História da UECE, no qual verificamos que a matriz curricular subdividia-se em quatro áreas: Ensino, Geral, Brasil e Teorias. Escolhemos a área Ensino para realização, pois se referia às disciplinas pedagógicas ofertadas na formação em licenciatura. Os critérios para a seleção dos docentes foram: ministrar disciplina de ensino, na perspectiva de que, nestas, os professores ofertassem os subsídios teórico-metodológicos aos estudantes acerca do processo de avaliação, assim como buscar informações referentes às práticas de avaliação; ter interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. A participação dos estudantes que cursavam o sétimo ou oitavo semestre deu-se pelo fato de terem cursado ou cursarem as disciplinas de ensino no período de realização da pesquisa. Outra finalidade da participação destes sujeitos, foi, primordialmente, o comparativo das informações prestadas pelos docentes e discentes a respeito da avaliação como prática vivenciada.

Para a sistematização do entendimento das informações empreendidas no escrito, decidimos subdividi-lo em três partes. Primeiramente organizamos a descrição dos aspectos conceituais da avaliação no ensino superior; em seguida, apresentamos a concepção dos professores referentes às práticas avaliativas e posteriormente a descrição dos aspectos avaliativos mencionados pelos discentes. Assim, faz-se necessário mostrar as bases conceituais sobre avaliação, em atenção ao processo ensino-aprendizagem no ensino superior.

Na perspectiva elaborada por Libâneo (1994:195):

Através da avaliação, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

A avaliação constitui-se tarefa didático-pedagógica necessária e constante do trabalho docente e, em consequência, na formação de professores, no qual deve desenvolver o processo de ensino e aprendizagem.

O conceito de avaliação pode ser considerado como a soma de fatores diversos que pretendem configurar a definição comum para o objeto. Ao professor, conhecer os aspectos conceituais e seus significados torna-se necessário, na perspectiva de utilizá-los na escolha do modelo, na seleção da técnica, no planejamento e elaboração dos instrumentos e seleção dos critérios avaliativos.

Oriundo do latim, o termo avaliar, advindo da composição de *a-valere*, quer dizer “dar valor a...”. Para Luckesi, o conceito de avaliação, “é formulado a partir das determinações da conduta de ‘atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação’, que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado”. (1998:92 -93).

Com a denominação conceitual organizada pelo autor retrocitado, entendemos que o processo de avaliação solicita a tomada de decisões dos professores mediante o resultado de aprendizagem revelado por via dos instrumentos avaliativos, objetivando o desenvolvimento de estratégias pelos docentes que possam sanar ou minimizar as dificuldades de aprendizagem dos discentes.

A avaliação pode promover o intervalo da constituição do conhecimento dos estudantes com os ensinamentos promovidos pelos docentes, na intencionalidade de que estes saberes sejam ampliados. De acordo com Hoffmann (2002:68), a avaliação “é uma ação mediadora no processo de aprendizagem e a ação avaliativa enquanto mediação se faria presente justamente no interstício entre a etapa de construção do conhecimento do aluno e a etapa possível de produção, por ele de um saber enriquecido, complementado”. Destacamos a avaliação como processo relevante para docentes e discentes na premissa de proporcionar conhecimentos aos professores, desvelando as características de aprendizagem dos estudantes,

assim como podendo comprovar aprendizagens e modificando a prática docente, conforme os resultados coletados nas avaliações.

Nas palavras de Vianna (2005:16), “avaliação não é um valor em si e não deve ficar restrita a um simples rito da burocracia educacional, necessita integrar-se ao processo de transformação do ensino/aprendizagem e contribuir, desse modo, ativamente, para o processo de transformação dos educandos”. Com esta conceituação formulada, notamos que avaliação deve perpassar o ensino sob responsabilidade docente e de aprendizagem discente, deixando de restringir a aplicação de instrumentos, como provas e seminários, dentre outros, sem fornecer *feedback* aos sujeitos.

Ao docente é imprescindível conhecer e compreender os conceitos, na perspectiva de fomento das escolhas dos modelos, funções, técnicas, instrumentos e critérios, que podem ser utilizados para obter melhores informações acerca dos conteúdos e conhecimentos ensinados aos estudantes, objetivando o entendimento a respeito das dificuldades de aprendizagem e de como proporcionar melhorias na formação docente nas licenciaturas.

Supomos que as práticas avaliativas docentes estão vinculadas aos aspectos apreendidos na formação, sendo que os professores, na maioria das vezes, não têm consciência de que sua formação é uma reprodução dos valores e crenças repassados por seus professores nas escolas e nas universidades, norteando sua prática profissional. É fundamental a compreensão do professor sobre o planejamento, ensino, recursos metodológicos, modelos e resultados das avaliações para subsidiar suas atividades didático-pedagógicas. Assim, ao docente é importante assumir em sua prática avaliativa

[...] à análise qualitativa da aprendizagem do educando e de toda a prática escolar significa muito mais do que abandonar algumas técnicas e instrumentos de avaliação e rever o sistema de notas e conceitos, pois implica redefinir, numa dimensão teórico-prática, pressupostos que irão nortear um fazer pedagógico significativo, no qual o conhecimento não seja visto como algo a ser adquirido, nem como algo independente dos sujeitos, das relações entre eles nem da relação que estes estabelecem com o próprio conhecimento e com a cultura. (LUIS, 2003:35-36).

Nesta perspectiva, precisamos reconhecer que o trabalho pedagógico exhibe práticas avaliativas cotidianas permeadas de múltiplos aspectos, em função da própria complexidade do ensinar e aprender, as quais constituem o que se costuma chamar de avaliação informal.

Estão presentes nas diversas atividades em sala de aula, não necessitando da formalidade de documentos.

No momento da formação, encontram-se a constituição e início de sedimentação das práticas docentes e, conseqüentemente, avaliativas. A aprendizagem é ascensional e contínua, encontrando dificuldades, demonstrando erros e correções. Em todas as situações, encontram-se convergências e divergências. Na concepção de Hoffman,

A prática avaliativa do professor reproduz e assim revela fortemente suas vivências como estudante e como educador. Suas perguntas e respostas, seus exemplos de situações, seus 'casos' expressam princípios e metodologias de uma avaliação estática e frenadora, de caráter classificatório e fundamentalmente sentencioso. (2003:100).

Na formação docente, podemos desenvolver com nossos professores práticas reprodutivistas. A reprodução da prática avaliativa acontece no momento em que os estudantes são submetidos aos instrumentos de avaliação, sem serem informados dos objetivos e dos critérios de avaliação que permeiam o instrumento.

Ressaltamos os conceitos de avaliação e práticas avaliativas, destacando o reconhecimento de sua importância e utilização, principalmente nos cursos de formação de professores, reconhecendo que avaliação necessita estar inserido no processo didático-pedagógico, fornecendo informações aos docentes e discentes.

As práticas avaliativas são caracterizadas pelo fornecimento de *feedback* dos docentes em relação ao desempenho de aprendizagem dos estudantes, na perspectiva de orientar para que as dificuldades retratadas nos instrumentos de avaliação sejam sanadas ou minimizadas. Conforme os escritos de Cianflone e Andrade, “as práticas avaliativas não são apenas as situações formais de avaliação, mas sim todas as situações do cotidiano em que o professor e/ou a escola e universidade fazem atribuições ao aluno e suas produções, oferecem *feedback* e orientação”. (2001:06).

Na busca da conceituação das práticas avaliativas utilizadas pelos docentes no curso de licenciatura em História da UECE, questionamos aos professores participantes da pesquisa suas opiniões:

São várias, acho que percebo que ao longo do tempo uma prática pode ser uma prática de oralidade que era a arguição que hoje é uma agressão, mas é uma prática. [...] se você

entendeu a ideia, agora nem todo mundo tem habilidade de falar bem, por que é tímido vai caber ao professor compreender e entender. (DOCENTE 01– CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

São exercícios que fazemos no nosso dia a dia e que esse exercício não precisa ter na verdade hora marcada. A partir das leituras dos textos, vão sendo discutidos, eles (estudantes) vão participando. Então normalmente na primeira parte da disciplina, eu trabalho com a exposição dos conteúdos, os meus alunos não deixam de ser avaliados. Na segunda etapa da disciplina agente trabalha com seminário, são intercalados comigo, eu apresento e depois eles apresentam. (DOCENTE 02 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Práticas avaliativas, eu acho que durante a disciplina o processo da avaliação não deve ser só vamos dizer assim a prova, mas ele deve ao longo da disciplina, ao longo do contato com o aluno a gente já pode está fazendo essa avaliação, na discussão, no debate, eu penso seja por esse caminho. E depois a avaliação, vamos dizer formalizada, uma prova ela vem só confirmar essa prática, essa avaliação que você vem fazendo no dia a dia. (DOCENTE 04 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Um modelo contínuo e processual que começa, vamos dizer no primeiro dia desse contato com aluno até o dossiê o momento que eles entregam o relatório final. [...] são todos esses processos, que se dar ao longo das disciplinas. As práticas são todos os métodos empregados para que você possa chegar a um consenso. (DOCENTE 05 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Na perspectiva desses relatos, percebemos a concordância em conceituar a prática avaliativa como ação processual, contínua e realizada no decorrer das disciplinas. Conforme nos ensina Esteban (2004:89-90),

[...] a prática avaliativa precisa ser apresentada como prática de investigação tem um horizonte móvel, indefinido, pois não trabalha a partir de uma única resposta esperada, mas indaga as muitas respostas encontradas, os diferentes caminhos percorridos, os múltiplos conhecimentos anunciados, com o sentido de ampliação permanente dos conhecimentos existentes.

Com esta acepção, podemos observar que as práticas de avaliação conceituadas pelos docentes do curso de História da UECE oferecem subsídios para uma compreensão das experiências vivenciadas no decorrer do ensino-aprendizagem, ajudando a formular os saberes experienciais:

Que são saberes práticos (e não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação. (TARDIF, 2008: 48 – 49).

O docente realiza sua prática profissional mediante interação com outros sujeitos, principalmente com os estudantes que colaboram diretamente para a constituição dos saberes experienciais. Estes são desenvolvidos com o aprendizado e as práticas vivenciadas.

Questionamos aos docentes responsáveis pelas disciplinas de ensino no curso de História da UECE como organizavam o planejamento das avaliações realizadas na disciplina que ministravam. Os cinco docentes entrevistados responderam de modo afirmativo que realizavam o planejamento das avaliações, mas percebemos, que em algumas respostas, eles confundiram planejamento da disciplina com o avaliativo, como, por exemplo, na explanação do docente 02, que disse, “É no início do semestre quando eu estou organizando o programa da própria disciplina. Então converso com os alunos e digo a proposta. Claro! Que em algumas turmas essa proposta acaba se modificando, pois recebo sugestões dos próprios alunos” (DOCENTE 02 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Outro entrevistado comentou que realizava o planejamento avaliativo, mas percebemos em sua explanação que ele não demonstrou seu modo de planejar o processo avaliativo. Após o questionamento, ele se deteve em informar os instrumentos de avaliação utilizados com os estudantes no decorrer do semestre,

Bem, a minha disciplina é organizada assim: primeiro fazemos um estudo da temática que a ser estudada na disciplina, depois eu envio os alunos para a escola e eu quero um conhecimento sobre a escola. São três avaliações, a primeira é se o aluno está tendo o conhecimento da escola onde ele vai fazer a sua prática, isso vai desde o conhecimento digamos da estrutura até também o regimento, o projeto político pedagógico, eu cobro isso, depois a estrutura da docência em si, da prática docente e no final ele (referindo-se ao estudante) faz uma avaliação de como foi essa sua prática, ou melhor, da regência de sala. (DOCENTE 04 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Em relação ao planejamento avaliativo realizado pelos docentes que ministraram as disciplinas de ensino no curso de História da UECE, notamos que eles se referiam à seleção dos instrumentos, portanto, mediante a falta de especificações deste planejamento, deixamos de identificar a existência de objetivos de aprendizagem dos discentes em relação aos conteúdos ensinados pelos professores.

A respeito dos instrumentos utilizados para avaliar os estudantes nas disciplinas de ensino do curso de História da UECE, os professores comentaram que utilizavam provas,

seminários, resumo, fichamentos, artigos, relatórios, mas deixaram de informar os objetivos de utilização dos instrumentos e como estes foram elaborados. É o que constatamos no relato:

Na primeira etapa trabalhamos com a prova escrita, na segunda etapa uma apresentação de seminário intercalado com minhas apresentações. Tem também uma terceira etapa essa se constitui no decorrer da disciplina, na verdade são entorno de 10 trabalhos, desde o primeiro dia de aula, pode ser uma apresentação rápida, um fichamento, resumo e ir para aula de campo são atividades que agente faz no decorrer do semestre, então cada atividade dessa vale um ponto. (DOCENTE 02 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Na perspectiva da seleção dos critérios que norteiam a correção dos instrumentos de avaliação, quatro dos entrevistados demonstraram falta de conhecimento nesta definição, assim como deixaram de especificar a organização dos aspectos criteriosais de correção dos instrumentos de avaliação. Alguns confundiram instrumento e critério, conforme é notável na resposta do Docente 01,

Eu que fiz um projeto de portfólio eu escrevia o que acontecia isso é um tipo de avaliação. A partir do que foi discutido as questões sempre abordava isso, sempre com respostas densas. A partir do que foi discutido as questões sempre abordava isso, sempre com respostas densas”. (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Acerca dos critérios, outro docente disse:

Na disciplina X eu trabalho muito só com os textos, a gente tem trabalhado com História Imediata, História Local, então com aqueles textos eu faço essas cobranças que eu te falei, geralmente tem sido assim. Na disciplina Y muda um pouco, porque como é uma disciplina mais prática em que a gente realiza trabalhos mesmo até manuais ou apresentação de uso desses instrumentos, além da fundamentação teórica que eu também vou fazer uma cobrança, a gente tem esses seminários ou essas práticas, visitas, seminários. Visitas a que professor a Museus, escolas. (DOCENTE 02 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Consoante as respostas ofertadas, é difícil notar que os docentes comentam a respeito de recursos didáticos e do instrumento de avaliação, referindo-se aos textos utilizados, seminários e portfólio, deixando de descrever acerca dos critérios avaliativos. Na resposta em que constatamos a utilização dos critérios, o docente comentou que utiliza, o “critério de participação, de coerência nas respostas e consistência”. (DOCENTE 03 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE). O docente mencionou o critério, não os itens que constituem este critério, como, por exemplo, como analisa a participação dos estudantes, se mediante a assiduidade, a exposição verbal do conteúdo ensinado, pois, na afirmação descrita por Berbel, “cada critério define o que se julga poder esperar legitimamente do objeto

avaliado e a leitura deste objeto se faz através dos critérios”. (2001:64). Os critérios auxiliam a analisar o nível de conhecimento dos estudantes e o que falta para que este nível seja atingido. A ausência de critérios ou a falta de clareza pode transformar a avaliação em verificação da aprendizagem. Os critérios precisam ser definidos no planejamento avaliativo organizado pelos docentes, pois definem o que os professores almejam como resultados de suas atividades de ensino.

Acreditamos que, para a definição das práticas avaliativas, os professores devem buscar referências nos documentos que orientam o planejamento do curso, das disciplinas, dos conteúdos e das aulas - como, por exemplo, no ensino superior, as referências constam nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e no projeto pedagógico do curso. Para cada instrumento de avaliação elaborado, é necessário ter o referencial do que foi planejado, do que será ensinado, das aprendizagens esperadas e das informações coletadas pelos instrumentos de avaliação.

As interações de professores com discentes, como estruturação do trabalho docente, foram destacadas por Tardif e Lessard (2011:23), informando que,

Ora, a escolarização repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma imensa concha vazia. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: ao contrário, elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo de trabalho escolar e, principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos.

Na acepção organizada pelos autores mencionados anteriormente, decidimos trazer as informações concedidas pelos discentes do curso de História da UECE acerca das práticas avaliativas utilizadas pelos professores. O grupo de estudantes participantes da pesquisa foi constituído por sete discentes que cursavam o 7º e 8º semestres, nos quais cursaram as disciplinas de ensino ofertadas pelo curso de História da UECE no turno da noite. Foi composto por quatro homens e três mulheres, com a faixa etária de 21 – 28 anos.

No primeiro momento de condução do grupo de discussão com os estudantes, indagamos acerca do conceito de prática avaliativa para os discentes, e coletamos a seguinte resposta:

Geralmente, pelo menos nas experiências que eu tive, avaliação é no sentido de você ter uma questão, em relação a escrita para você saber se foi compreendido ou não o texto lido

ou alguma prática, alguma vivência naquela sala de aula. Apesar de que na minha experiência, acho que só teve em uma cadeira que foi do professor C, que eu tive avaliação escrita, as outras eu nenhuma eu tive, mas a ideia que a gente compreende, pelo menos, acha que de senso comum, é algo que seja escrito, um documento escrito. (ESTUDANTE 02 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Outro estudante (03) descreveu o conceito de prática avaliativa como

Uma observação do professor para constatar, o que o estudante aprendeu e se a disciplina está sendo bem desenvolvida. Acho que basicamente é isso. É uma questão de medir realmente a que ponto chegou o nível de aprendizagem naquela disciplina, nós lemos textos, em algumas disciplinas apresentamos alguns seminários e aí agora vamos medir tudo que foi aprendido e converter em uma prova escrita e vê se ganha uma nota (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Na conceituação expressa pelos licenciados, notamos a ênfase em relação à aplicabilidade dos instrumentos de avaliação e a verificação das aprendizagens, em que se referiram ao instrumento prova como unidade de medida do conhecimento apreendido nas disciplinas de ensino, deixando de ressaltar o sentido da avaliação na perspectiva de coleta de informações, com o intuito de sondagem, acerca da aprendizagem ou de tomada de decisões pelos docentes para minimizar ou sanar as dificuldades de conhecimentos. Confirmamos tal asserção de acordo com os escritos de Stefanello (2008:127), no momento que nos informaram: “avaliação da aprendizagem como processo complexo. Requer elaboração de objetivos e instrumentos para obter os resultados. Estes, por sua vez, devem ser interpretados, e essa análise deve evidenciar até que ponto os objetivos foram atingidos, devendo-se formular um julgamento”. Sem a interpretação dos resultados e a constatação da realização dos objetivos para que formulem o julgamento de valor, não se pode dizer que foi desenvolvida avaliação, mas, simplesmente, aplicação de instrumentos.

Na busca das informações referentes às técnicas, critérios e instrumentos de avaliação, que serão utilizados na disciplina e repassados aos discentes, encontramos o desconhecimento desta informação e a utilização de instrumento de avaliação em uma disciplina que não é da área de ensino. O estudante 06 disse, “não. Aliás, só tinha um professor que fazia autoavaliação que era justamente o professor F, mas que também não era cadeira de Ensino. É porque aqui as disciplinas são importantes para a pesquisa são de Ensino”. (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Os estudantes foram questionados a respeito do emprego dos instrumentos de avaliação nas disciplinas de ensino. Eles próprios responderam que foram utilizadas provas e seminários e, além disso, a frequência, em sala de aula, nota de participação. O estudante 06 comentou que não sabia como eram constituídos os critérios para esta avaliação da participação:

Que nem isso eu sei como eles avaliam, pois isso era muito complexo, porque o professor C (disciplina de ensino) era um que falava: se faltar eu vou reprovar. Aí chegava pertinho de terminar, ele falava: olha fulano de tal tem tantas faltas se ele entregar até tal dia todos os trabalhos, as faltas estão abonadas, eu libero. Ele dizia que tinha um critério, mas no final das contas não sabíamos como era feito este critério. Então essa participação seria, vamos dizer, interligada com a presença? Isso, é vamos dizer que signifique isso pra eles, mas não temos esclarecimento disso. (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Atentamos para sondar se os docentes realizam comentários após a coleta dos dados obtida dos instrumentos de avaliação acerca do resultado atingido pelos estudantes. Obtivemos a seguinte resposta, oferecida pelo estudante 07,

O docente C teve uma cadeira que a gente fez com ele, que ele fez no final uma avaliação da própria cadeira, ele fez um papelzinho pra gente preencher um formulário da própria cadeira e tal, e ele falou também o que achou do desempenho da turma e da cadeira, ele falou isso, a única do Ensino. (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Outro deles endossou a informação citada anteriormente pelo participante do grupo e confirma a prática avaliativa do docente alhures comentado. Na acepção descrita adiante, além do docente C, também foram citados os comentários realizados pelo docente E, chamando a atenção para o fato de que ambos lecionaram disciplinas de ensino. O estudante 01 exprime:

Eu lembrei que na minha época ele (referindo-se ao docente C) fazia além dele mesmo avaliar os seminários, ele entrega para cada aluno, também um papelzinho pra você avaliar o grupo que estava apresentando, na minha época foi assim, aí você escrevia tipo, qual o tema que o grupo falou. Pra ver se você tinha entendido, o que o grupo explicou aí você resumia e que nota você dá. Aí você dava a nota para a equipe, então ela via a nota que a sala tinha dado e avaliava também por ela, mas aí eu não sei como ela fazia no final para dá a nota mesmo. Mas assim, a respeito do seminário, a respeito da organização do tempo que o outro colega relatou, da postura de como foi que você se portou pra apresentar aquele conteúdo, pra apresentar o seu trabalho, era feito comentário sobre isso. Ou então na própria prova, a prova vem corrigida e tinha um comentário. Pelo o que a gente está percebendo vai ter isso na disciplina 05 agora, que o professor vai acompanhar a gente dando aula, e aí ele também durante as aulas ele vai dando os toques, mais ou menos como é que a gente vai tem que se apresentar dentro de sala de aula, mas nas outras até hoje não, essa vai ser a última do curso. (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Os comentários dos docentes relacionados ao instrumento avaliativo denominado seminário ocorreram em uma disciplina de ensino. O entrevistado acreditava que na última disciplina de ensino do curso ele também conseguiria o *feedback* do docente para melhorar o aspecto didático-pedagógico, o que o estudante considerou significativo para sua formação. Relacionando-se aos comentários proferidos pelos professores, descrevendo o desempenho discente expresso nos instrumentos avaliativos, outro estudante disse:

Nós temos até um exemplo, eu acho que nós três que somos aqui do mesmo semestre a gente pode se autoavaliar nessa questão, não sei se vocês recordam, nosso primeiro seminário que a gente fez aqui na UECE, com o professor G da disciplina que não era de ensino, nossa maneira de se portar no seminário, vocês lembram? (perguntou para os outros) Nós viemos de calça, blusa, tênis e apresentamos o seminário em pé usando o quadro. Com o passar das cadeiras nós fomos fazendo vendo os professores, as maneiras que os professores se portavam e tudo mais, hoje eu vim de bermuda, camisa, sandália e nós vamos apresentar o seminário sentado e sem usar o quadro, sem usar nada. É porque é aquela coisa. Eu vou sair copiando o estilo do professor, em sala de aula é assim ele se senta e vai lendo, ou seja, nós vamos sair copiando se o professor não tá cobrando, se ele não faz assim, eu também não vou cobrar dos meus alunos. O único professor que é da disciplina de ensino, que nós admiramos porque é um professor que é de colégio de Ensino Médio e ele tinha essa preocupação, havia os seminários ele dizia:

- Oh! Vocês tem que vir bem vestido, tem que se portar de tal forma, porque o mercado é assim, por exemplo, ele falava da questão das novas mídias sociais, não há preparação, o aluno ele é jogado no mercado. (ESTUDANTE 02 - CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Nas palavras proferidas pelo estudante, constatamos que um dos critérios utilizados pelo professor para avaliar os estudantes aportava-se no vestuário e na postura corporal para apresentação do seminário, sendo justificado como aspecto a ser exigido no exercício das atividades docentes. Na mesma explanação, encontramos ênfase na prática como imitação dos modelos adotados pelos professores, pois, conforme Pimenta e Lima (2012:35), o exercício de qualquer profissão é prático,

No sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco nos observando, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram.

As autoras ora mencionadas anteriormente enfatizaram o fato de que uma das atividades dos estudantes dos cursos de formação de professores é selecionar os modelos considerados “bons” e readaptar a sua prática profissional, assim como se desfazer dos modelos incoerentes observados no decorrer do curso de licenciatura.

Ao grupo de estudantes foi questionado se os professores das disciplinas de ensino comentaram como aprenderam a avaliar. E os discentes explanaram que os docentes não informaram a constituição de suas práticas avaliativas, assim como deixavam de demonstrar a realização do planejamento avaliativo e a falta de justificativa da seleção de determinados instrumentos avaliativos.

Outra indagação que realizamos aos estudantes pautou-se no conhecimento dos professores para avaliar. Obtivemos a seguinte resposta:

Eu vou ser sincero. Estamos aqui pra isso. Eu acho muito “frouxo”, esse sistema avaliativo das cadeiras de Ensino, porque fica só naquela de seminários, não sei o que, aí quando a gente ver as notas a maioria tirou 10,10,10,10,10. Será que ele (referindo-se ao professor) leu as resenhas que a gente fez? Será que ele leu a prova? Então fica aquela coisa, eu acho meio frouxo as cadeiras de Ensino, eu acho meio frouxo esse sistema de avaliação. Qual é o critério que eles usam para avaliar um seminário, por exemplo? E pelo menos assim, na minha experiência também, eu nunca tive uma resenha onde a resenha foi devolvida pra mim com uma justificativa, eu nunca tive um seminário onde no final, isso na época das disciplinas de Ensino. Só aparece a nota no final. É só a nota no final (ESTUDANTE 03 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE.)

Na resposta proferida pelo estudante, comprovamos que os docentes responsáveis pelas disciplinas de ensino voltaram sua atenção para expressar a nota obtida no instrumento de avaliação utilizado, sem a especificação da constituição deste resultado quantitativo de aprendizagem, ou seja, falta o *feedback* docente acerca do desempenho discente. Conforme a concepção discente que nos informou a falta desta justificativa de resultados, aceitamos que, nas disciplinas pedagógicas do curso de História da UECE, não são desenvolvidas estratégias para minimizar ou sanar os problemas de aprendizagem dos licenciados.

Enfim, podemos verificar que as práticas avaliativas dos professores das disciplinas de ensino do curso de licenciatura em História da UECE são constituídas de um saber plural, apreendido no decorrer das atividades profissionais.

Nos relatos dos professores e estudantes, percebemos a ausência de conhecimentos técnicos acerca da avaliação e a realização de verificação de aprendizagem.

Nos depoimentos coletados, os docentes desconhecem as teorias da avaliação, suas funções, e não realizam o planejamento avaliativo do processo ou confundiram com o planejamento de ensino, sendo que práticas avaliativas retratadas na concepção discente resumem-se aos momentos de aplicação dos instrumentos pelos professores.

No emprego dos instrumentos avaliativos, consoante os depoimentos dos professores e estudantes a ausência de especificação dos objetivos de avaliação, dos critérios para a correção, assim como constatamos ineficácia e ineficiência na elaboração dos itens de avaliação. Então, comprovamos que as práticas avaliativas dos professores são realizadas mediante o senso comum a respeito da avaliação.

Por intermédio das considerações de docentes e discentes, referindo-se as práticas avaliativas, constatamos convergências nas informações mencionadas pelos sujeitos. Portanto, podemos justificar a escolha do título desta escritura, *Entre o Dito e o Realizado: Práticas Avaliativas no Ensino Superior em História*, pois os relatos dos professores, reportando-se ao processo de verificação da aprendizagem e utilizados nas disciplinas de ensino do curso de História da UECE, foram confirmados pelos estudantes.

Acreditamos que não podemos fazer generalizações, mas os resultados descritos neste escrito auxiliam a melhor compreender e alertar aos que trabalham e estudam nos cursos de formação de professores, em especial os de História, considerando que avaliar a aprendizagem dos estudantes é tão importante como planejar e ensinar, pois, sem avaliação, é difícil compreender o processo de aprendizagem e os efeitos da prática docente.

REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi Aparecida Navas [et al.]. **Avaliação do Ensino Superior**. Londrina: Ed UEL, 2001.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez. Porto: Porto. 1994.

CIANFLONE, Ana Raquel Lucato; ANDRADE, Érika Natacha Fernandes de. “Práticas Avaliativas no ensino fundamental e cultura escolar”. **Revista Paidéia**, São Paulo, v. 38, p.389-402, 2001.

ESTEBAN, Maria Tereza (Org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mitos & desafios: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Educação e realidade 1994. Mediação, 1998/2000/2002.

_____. O cenário da avaliação no ensino de Ciências, História e Geografia. In: SILVA, Janssen Felipe; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Tereza. (Org). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1998.

LUIS, Suzana Maria Barrios. De que avaliação precisamos em Arte e Educação Física? In: SILVA, Janssen Felipe; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Tereza. (Org). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de Geografia**. Curitiba, Ibpex, 2008. 159 p. (Metodologia do Ensino de História e Geografia: v. 2).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Projeto Pedagógico: Curso de História**. Fortaleza, 2006. 30 p.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Fundamentos de um programa de avaliação educacional**. São Paulo: Líber Livro, 2005.